

# O TEMPO

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA



PROPRIEDADE DO

CLUB DE LITTERATURA

Director-chefe — Max Fleluss  
Secretario — J. P. de Assis

ANNO 1] MEZ DE AGOSTO, 1886. [N. 2

RIO DE JANEIRO

Typ. Hildebrandt, rua d'Ajuda n. 31

MDCCCLXXXVI

# O TEMPO

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

PROPRIEDADE DO

CLUB DE LITTERATURA

Director-chefe — **Max Fleiuss**

Secretario — **J. P. de Assis**

ANNO 1]

MEZ DE AGOSTO, 1886.

[N. 2

RIO DE JANEIRO

Typ. Hildebrandt, rua d'Ajuda n. 31

MDCCCLXXXVI



5.109  
52

---


## VISCONDE DO BOM-RETIRO

---

O Brazil foi dolorosamente sorprendido, ha alguns dias, pela noticia da mortal enfermidade de um grande cidadão: sobresaltou-se a amizade, accudiu a sciencia. O Visconde do Bom-Retiro estava em perigo de vida; todos pediam noticias do illustre enfermo, todos os amigos, o que vale — todos os conhecidos, porque não havia indifferentes, menos ainda desaffectedos. Em vão. Chegára a derradeira hora d'aquella existencia, longa em dias e em boas obras e o Sr. *Visconde do Bom-Retiro* entregou a alma ao Creador no dia 12 de agosto á 1 hora da madrugada.

A magua de tantos corações, que lhe eram dedicados, echoou na imprensa diaria e em todo o logar onde duas pessoas se encontravam.

A direcção da revista *O Tempo* acompanha a patria no seu lucto e resume seu sentimento na attestação d'este doloroso facto: morreu um eminente estadista, que possuia estes dous nobilissimos titulos: *homem bom, homem de bem.*



# O TEMPO

---

« Aucune personne ne s'est donné la  
peine d'étendre et de conduire son  
esprit aussi loin qu'il pouvait aller »

(LA ROCHEFOCAULD),



vulgarisação dos conhecimentos ge-  
raes da sciencia, em nosso tempo,  
não é só uma necessidade, é um  
dever imperioso para as nações que  
comprehendem e acompanham os  
progressos reaes da civilisação.

Hoje a instrucção do povo já não  
póde limitar-se ás noções elemen-  
tares da eschola primaria. Não  
basta ler e escrever o seu nome, é  
preciso associar no espirito da ju-  
ventude á idéa de Deus e aos prin-  
cipios religiosos a explicação racional dos phenomenos  
da natureza, bem como a concatenação, a utilidade  
e o mechanismo das instituições sociaes.

Sem esta generalisação intelligente a educação é in-  
completa e o homem, que apenas a recebe, não póde as-  
pirar por falta de comprehensão de seus direitos e

deveres, na ordem social e de seus legítimos interesses na esphera industrial ou economica, ao grande e nobre papel de cidadão, que é a base indispensavel da organização social.

E' necessario, portanto, educar o povo, nas condições da nossa epocha e para os nossos fins.

Os tres grandes inventos, que deram em resultado a communicabilidade do pensamento pela imprensa e pela electricidade e a suppressão das distancias pelo vapor, que estabelece pontes maravilhosas sobre oceanos e aproxima os continentes, supprimiram dos mappas geographicos a idade intellectual das nações. Todos os povos, embóra a sua autonomia politica seja recente, estão aptos para todas as conquistas do progresso material e moral.

Os elementos de instrucção são os mesmos para todos, e a differença consiste apenas nos meios de applica-los.

E' n'esse sentido que devemos fazer convergir absolutamente todos os nossos esforços. E tambem n'este intento procuraremos vulgarizar n'este periodico, destinado a concorrer sinceramente para o progresso do paiz, todos os ramos de conhecimentos scientificos, litterarios e artisticos, dando conta dos processos e descobertas mais recentes que possam interessar e utilizar o leitor.

Assim pois os fins da revista *O Tempo* são nobilissimos e todos os brasileiros devem se empenhar para que uma publicação tão util como esta mantenha-se e progrida.

Rio, agosto de 1886.

---

## CONGRESSO DE INSTRUÇÃO

---

### CREAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE NO BRAZIL

---

(Continuação)

#### VI

Obedecesse embora á pensamento, que ainda hoje merece execração, prestou a ordem de Loyola um serviço que a justiça não póde deixar de levar em conta de seus crimes.

Mas, emquanto esses factos se passavam, occorriam outros que não devo omittir. Entendem elles com o desenvolvimento do proprio ensino superior na Europa, influenciada pelo exemplo da França.

#### VII

Não foi em Paris que se creou o ensino universitario.

Modeladas pela de Paris, e como esta auxiliadas por collegios ignaes aos que alli existiam, nasceram :

No proprio seculo XIII as mais celebres universidades de Inglaterra, Hespanha, Italia e França.

No seculo XIV as allemães.

No seculo XV as dos Paizes Baixos.

De modo que, coevas ou não da criação de Felippe Augusto, eram perto de cincoenta as universidades existentes no principio do seculo XVI.

Os resultados de tantas universidades, sobretudo depois de Gutenberg, não se fizeram esperar.

Diminiu a frequencia da universidade de Paris, mas generalisou-se o amor ao estudo, e cresceram as necessidades do espirito, augmentando com isso o numero das sciencias, que no seculo XIII se comprehendiam na palavra *philosophia*.

No seculo XV nasce a botanica ; no XVI a economia, a mechanica e a anatomia, em 1665 adoptada pela faculdade de medicina de Paris.

No mesmo seculo XVI principiaram a florescer as sciencias physicas e naturaes, com tanto ardor cultivadas no seculo XVII.

Ainda no seculo XVII nasce a physiologia e a chimica.

Quando Bacon, no principio do seculo XVII, fez o inventario das sciencias por elle herdadas dos seus antecessores, que redução tinha soffrido o vasto campo dos dominios philosophicos !

A sciencia, que começou abrangendo o conhecimento das *cousas divinas e humanas*, e no seculo XIII estava limitada *ds cousas humanas*, no fim do seculo XVI já não podia ter esta comprehensão !

Volve um seculo, e Diderot na sua *Encyclopedia* testemunha novos progressos, que não mais permitem chamar philosophia tudo quanto Bacon tinha incluido no quadro della.

Mais ainda :

Os conhecimentos, que o mesmo Diderot teve de acrescentar ao inventario do sabio inglez, e as artes e officios, que, segundo elle, podiam sahir dos diversos ramos de saber até então cultivados, para logo provaram o advento da epocha assignalada pela redução da philosophia ao simples estudo dos seres immateriaes.

Facto, que levou Catharina II da Russia a crear em seu imperio 150 gymnasios ou escholas secundarias, dominadas pelo espirito encyclopedista da França, mas que, infelizmente, não exerceu a mesma influencia nos demais soberanos da Europa.

## VIII

Entra o seculo XVIII achando :

O ensino superior com algumas sciencias de mais.

O inferior — primario e secundario — entregue á escholas e collegios de corporações religiosas, que testemunhavam bem a piedade dos seus fundadores, mas

que apenas exprimiam um confuso sentimento das necessidades do espirito.

Esse estado de cousas pouco tardou a parecer insufficiente.

Nenhuma relação havia entre os tres gráus do ensino ; dahi a impossibilidade, em que estava, a instrucção superior de derivar para a inferior, a inferior de acompanhar os progressos d'aquella.

Pedia a sociedade que a instrucção interessasse ás carreiras publicas e a instrucção só lhe dava gentis-homens ou aldeões ; que a educação fosse practica, e a educação que passava do latim, consistia em conhecimentos litterarios, cuja utilidade só para poucos moços não era negativa.

A consequencia do facto devia ser uma reforma, que entendesse com o todo, mas só entendeu com parte do ensino.

Crearam-se escolas militares, fundou-se o ensino da engenharia, com applicação á pontes, calçadas e minas, instituíram-se cadeiras de sciencias exactas e naturaes, assim como de linguas e artes, mas continuaram as eschololas e collegios na sua pedantesca nullidade.

O desaccordo entre a sociedade e o ensino tornou-se cada vez mais flagrante.

Entretanto, para dar á educação outro character, não valeram esforços nem exemplos.

Em 1775 fundou-se na Suissa um instituto (Pestalozzi), que mostrava a possibilidade de eschololas inferiores ainda mais adiantadas do que aspirava a França, pois fazia o ensino da lingua nacional correr de par com a geometria, o calculo, a physica, a chimica e a agricultura, mas nem assim pôde a rotina cahir.

Trabalhada pelo espirito da Reforma, experimenta a Allemanha o ensino de Pestalozzi quando a França, adiante do seu governo, em vão esforços lutava para por os estudos em estado de servir á nova civilisação que despontava.

O resultado sabe-se qual foi. A revolução franceza, achando o ensino estacionario, e declarando as suas instituições abaixo dos conhecimentos da epocha, o tufão revolucionario varreu tudo, sem que das novas creações decretadas pela convenção sahisses mais de duas realidades — as *escolas centraes* e a Eschola Polytechnica de Paris.

Quiz a assembléa nacional organizar o ensino de modo que, apresentando tres gráus progressivos, attendesse ás necessidades de todas as carreiras, desde o artista e obreiro até os mais elevados profissionaes, mas o ensino primario por ella promettido não passou de letra morta.

Assume Napoleão a direcção do paiz, e publica um decreto, que parecia curar igualmente de todos e cada um dos ramos do ensino, pois mandava ministrar, instrucção primaria em escolas communaes do typo creado pela Convenção, ensino secundario em collegios de humanidades e *elementos de sciencias*, e ensino superior em Lyceus e escolas *especiaes*. Entretanto, esse decreto não passou da base, em que mais tarde devia assentar a celebre universidade imperial.

Organisou Napoleão o ensino secundario e superior, mas esqueceu inteiramente o ensino commum.

Assim por duas vezes effectuou a França de cima para baixo um movimento que devia ir de baixo para cima. Desgraça cujos effeitos ainda hoje deplora a grande nação, que durante tantos seculos imprimiu sua influencia na Europa.

A Allemanha, que desde Frederico, o grande, havia feito consideravel progresso, distanciou-se do modelo commum a ella e outras nações; e a França, que Luthero declarou aceitar por arbitro da luta, em que se empenhava contra o papa, em 1830 foi pedir ao povo allemão o typo do ensino primario, que elle tinha organizado desde 1802!

A. DE ALMEIDA OLIVEIRA.

(*Continúa*).

---

## Da classificação das sciencias

---

São numerosos os quadros de classificação das sciencias que, desde Porphyro até nossos dias, têm sido propostos em differentes épocas por philosophos abalisados, representando os systemas philosophicos os mais diversos.

Sem attenderem, porem, a outra consideração, que não fosse a do seu modo particular de encarar as cousas, era sempre mais ou menos arbitrariamente que esses systemas se constituíam. D'ahi a sua ephemera duração.

Deixando de lado outros nomes de menor importancia, basta, para se avaliar o que eram os patronos d'esses methodos, citar os nomes de Bacon, o immortal chancellor, de D'Alembert, o celebre encyclopedista, e de Ampère, astrónomo illustre de que a França se orgulha, a justo titulo.

Esses systemas, embora assim patrocínados, morreram em breve tempo e hoje tem apenas um valor historico, que dispensa a critica.

E' conhecida a classificação de Ampère que partindo de uma primeira divisão em sciencias *cosmologicas*, ou que estudam as leis da natureza e *noologicas*, ou que estudam as leis do espirito, chegava, de divisão em divisão a classificar 128 sciencias. Si a propria complexidade não fosse já uma arma contra ella, bastava considerar o absurdo de que partia—o antagonismo do espirito e da Natureza.

Mais simples do que essa era a classificação de D'Alembert, quasi igual a de Bacon, em que partia das tres faculdades da alma:—*memoria*, *razão* e *imaginação*, pretendendo abranger todos os conhecimentos humanos, incluídas as bellas-artes, como productos da imaginação. E' ainda o ponto de partida que arruina todo o edificio, pois que, como se sabe, essas tres faculdades foram

mais tarde substituídas por outras tres—sensibilidade, intelligencia e vontade; ou, segundo Bain, por tres processos irreductiveis—identificação, differenciação e memoria; ou, finalmente, segundo outros e mais exactamente, por uns processos sempre identicos no seu mechanismo, mas com maior ou menor complexidade de associações nervosas.

São estas as grandes classificações que nos legou o Passado. Em nossos dias dois grandes homens tomaram por seu turno a tarefa de construir duas outras classificações. São estas a de Augusto Comte e a de Herbert Spencer.

Fallemos primeiro da de Comte, que se impoz facilmente pela sua extrema simplicidade, dispondo em serie rectilinea, as sete sciencias fundamentaes uma das quaes —a sociologia, creada por elle.

Sabe se bem quaes os pontos fundamentaes do Positivismo de Comte:

— Nós não conhecemos sinão phenomenos e esse conhecimento é inteiramente relativo a nós, nunca absoluto.

— Desconhecemos os neómenos (1) e o modo real da producção de qualquer facto, só conhecemos as relações de successão e semelhança e é ás semelhanças constantes que ligam os phenomenos entre si e ás successões constantes que os unem a titulo de antecedentes e consequentes que chamamos—leis.

— As leis dos phenomenos são tudo o que nós sabemos d'elles, sua natureza essencial (neómeno) e suas causas ultimas, quer efficientes, quer finaes, nos são desconhecidas e ficam impenetraveis para nós. (2)

Firmado n'estes principios de que foi, não o descobridor, mas o systematizador, e tomando por base o desenvolvimento historico da humanidade, Augusto Comte

---

(1) Traduzo assim a palavra franceza—*noumène*—que exprime a *cousa em si, a essencia das cousas*. Ignoro si ha outra traducção.

(2) Stuart—Mill. *Auguste Comte et le Positivisme*—Pag.—6.

construiu a sua classificação, em escala de generalidade decrescente e complexidade crescente.

- Mathematicas.
- Astronomia.
- Physica.
- Chimica.
- Biologia.
- Sociologia.
- Moral.

E' uma bella classificação, simples, coherente com o seu ponto de vista e, sobre tudo isto, quasi intacta, ha quasi meio seculo.

Herbert Spencer atacou o ponto de vista em que o auctor se collocou, censurou a exclusão da Psychologia e da Logica, e, finalmente, censurou tambem com pouca razão a ordem historica da Astronomia, antes da Physica.

Pela nossa parte estamos plenamente de accordo com a critica do ponto de vista que não foi certamente bem escolhido e convimos mesmo que ahi devêra se incluir a Logica; mas cousa alguma d'estas pode impedir que se considere o trabalho de Comte como uma verdadeira systematisação, muito logica, muito perfeita, para o ponto em que se collocou.

O que fez Spencer, rejeitando o ponto historico? Procurou as ideias fundamentaes da experiencia humana, achou-as no *tempo* e no *espaço*, correspondendo aquelle á successão e este á coexistencia dos phenomenos, e partiu d'ahi para uma divisão complicada em sciencias abstractas, abstracto — concretas e concretas.

E' inutil expôr aqui a sua conhecida classificação, basta saber o ponto de vista para o compararmos ao de Comte.

Para nós o ponto de Spencer é superior. Augusto Comte quiz partir do homem, inspirando-se justamente no relativismo, que de Protagoras á Hobbes e a nossos dias tem justamente prevalecido: julgou que a maneira de chegar a esse resultado era o methodo historico. N'isso está o seu erro.

O relativismo não é um principio a que seja necessario adstringir-se tão estreitamente, qualquer que seja o methodo, qualquer que seja a vontade do classificador. nada, absolutamente nada do que se fizer, poderá deixar de ser relativo, porque todas as nossas ideias, todas as nossas sensações são relativas, puramente relativas.

Spencer, procurou o *tempo* e o *espaço*.

E' um ponto de vista mais largo, mas igualmente indispensavel. O tempo e o espaço são, formas permanentes de todos os nossos pensamentos, das quaes é impossivel desligarmo-nos, siquer por um momento.

Tem, porem, uma superioridade sobre o de Comte este novo ponto de partida, introduz a ideia de *espaço*.

★ ★

Ficaram expostos varios pontos de vista em que mais ou menos havia sempre razão, haverá porem, algum outro mais vasto, mais comprehensivo que abranja as ideias anteriormente citadas de *tempo*, e de *espaço* e que contenha igualmente a noção de *relativismo* e, si houver, não será este o mais legitimo?

Cremos que sim e este ponto de vista é a *Materia*.

Aqui o Positivismo nos dirá que nós não conhecemos a *Materia*, que não sabemos o que ella é. Tem razão, mas, porque não sabemos o que ella é, não devemos negar que exista. Podemos defini-la como o *neomeno de todos os phenomenos*, sem pretender conhecê-la ; mas o que nos é impossivel, a menos de cahir nos sonhos disparatados da Metaphysica, é nega-la, como o fez Berkeley, como o fez Montalembert.

Espiritualismo, Positivismo, Pantheismo e Materialismo — todos são accordes em admitti-la. O Idealismo dos Hegel, é a loucura encampada nos arraiaes da philosophia, nem tem fôros de seriedade.

Mas por isso mesmo, que a *Materia*, é o *neomeno de todos os phenomenos*, a difficuldade de a tomar como base de classificação não fica resolvida ; resta fazer a

classificação dos phenomenos pela ordem de sua complexidade.

Dir-se-á então que, tomando por criterio *a ordem evolutiva da complexidade dos phenomenos que dão assumpto ds diversas sciencias*, nós desdenhamos d'esse ponto de vista objectivo, o relativismo humano.

E' um engano.

Toda a classificação deve visar o homem, deve toma-lo por ponto cardeal, mas não quer isso dizer que deva começar d'elle. O que ha a fazer é colloca-lo no seu verdadeiro lugar. E' dizer que degrau elle occupa, o que o originou e o que elle origina.

Depois de Darwin e de Haeckel os grandes luctadores do transformismo, que o arraigaram nas concepções d'este seculo, modificando todas as sciencias, as velhas classificações naturaes da zoologia mudaram completamente. O principio da *evolução*, do *progresso* (\*) deu origem as novas classificações de que Haeckel, uma das cabeças mais geniaes da nossa época, foi um dos primeiros introductores.

Nas classificações naturaes parte-se dos sêres mais simples para os mais complexos, da monera e do bathybio para o anthropoide e para o homem. E' a ordem historica dos phenomenos, evoluindo lentamente, e complicando-se cada vez mais.

Que se diria do naturalista que tomando por base *o desenvolvimento historico da Humanidade* classificasse os sêres pela ordem em que elles foram estudados ? Que era um desarrasoado.

Não se objecte que o caso não é o mesmo. E'. A sciencia é um corpo unico, é a interpretação da Natureza, a investigação das suas leis. Classificar — as sciencias — é classificar os assumptos da — Sciencia —, é classificar as partes de um todo ; como classificar animaes é classificar os assumptos da zoologia.

---

(\*) Entenda-se *progresso* com a definição de Spencer : *passagem do homogeneo para o heterogeneo*.

O criterio proposto é sempre applicavel e tem a vantagem de harmonisar-se com o das sciencias naturaes.

\* \* \*

O quadro seguinte resume claramente o pensamento que presidiu á nova classificação :

Physica	{	Astronomia—Biologia—Psychologia	{	Logica	Mathemática	{	Moral
Chimica				Sociologia			

Resta agora justificar a classificação apresentada.

Porque começar simultaneamente pela Physica e Chimica ? Porque, seja qual fôr o estado em que nós concebermos a Materia, no seu mais amplo sentido, antes mesmo de estar constituida em astros, não a podemos conceber sem propriedades chimicas e physicas.

Seja qual fôr a theoria adoptada sobre a evolução universal, desde a Biblia e dos Vedas (\*) até Kant e Laplace, é impossivel, absolutamente impossivel, concebe-la sem essas propriedades physico-chimicas. E' pois o degrau mais geral e mais elementar dos phenomenos naturaes.

Vem em seguida a Astronomia. E' o gráu da evolução da Materia immediatamente menos geral e já dependente dos phenomenos physico-chimicos de que é o resultante.

Constituidos os astros, apparece depois a vida — d'ahi a Biologia.

Mas eis que surge uma nova discordancia entre a presente classificação e a de Comte : porque introduzir a Psychologia, que elle excluiu, ou melhor que elle incluiu na Biologia ? Spencer tem, pois, razão ?

Foi uma simples conveniencia de escala que fez desdobrar a Biologia.

Sem duvida alguma as funcções psychicas são funcções naturaes, que entram perfeitamente nos es-

---

(\*) Na Biblia em hebraico e nos Vedas diz-se que Deus modelou o mundo. Admitte-se sempre a preexistencia da Materia.

tudos biologicos, do mesmo modo por que, como disse Vogt, entra n'essa sciencia estudo das funcções do figado ou dos rins.

O que ha, porem, é que as faculdades psychicas só começam de certo ponto em diante da escala zoologicas em cujo extremo está o Homem. Eis a causa da separação.

Aqui, porem, é que se acha a difficuldade capital :— chegamos ao Homem. Porque partir d'ahi para as Mathematicas que na classificação de Comte abrem a série ? Pois não são os phenomenos mathematicos os mais geraes, os mais primitivos ? Sim e não.

Sim — porque o Homem, *formando* a Mathematica, *criando* a idéa de relação segundo os phenomenos naturaes, achou-a depois, n'esses mesmos phenomenos.

Não — porque a Natureza não conhece as leis mathematicas. Os corpos só cahem na razão directa da massa (1) e na inversa do quadrado das distancias porque o Homem de convenção em convenção tendo criado a Mathematica applicou-a depois ao estudo da Natureza.

Os corpos cahem, giram, são quentes ou frios, tem tal ou qual densidade, mas não conhecem relações mathematicas, que são concepções meramente subjectivas, sem realidade objectiva.

Sem o Homem, ou melhor, sem um ser psychologico não ha Mathematica, não ha ideia de Numero. Na Natureza só ha unidades, não existem duas cousas semelhantes.

E' por isso que a Mathematica vem depois da Psychologia, presuppõe o Homem ou outro sêr psychico (2).

A razão do lugar da Sociologia (3) e facil de com-

---

(1) Boucheporn substituiu na lei de Nawton a *massa* pelo *volum e velocidade*.

(2) São numerosos os exemplos de animaes que contam até certo ponto.

(3) Sociologia como a sciencia que estuda as leis que regem as sociedades (humanas, ou não.)

prehender. Só os animaes do certo desenvolvimento psychologico constituem-se em aggregados sociaes.

Faltou-nos, porem, mencionar a Logica que Comte excluiu da sua classificação.

A Logica, porem, como a sciencia da investigação e demonstração da verdade é a base mesmo de todas as sciencias, o fim e o meio de que o Homem se serve em todas as suas operações intellectuaes.

Si, todavia, Augusto Comte não a incluiu foi porque, mostrando, como o fez Stuart-Mill, a inanidade da logica Arestotelica, não logrou nunca construir uma theoria sua para substituir aquella.

Teve muita razão o pensador francez. Quando a propria Consciencia é fallivel, onde buscar um criterio para a certeza ? Em parte alguma. Sejam, porem, quaes forem os methodos empregados, com estes ou aquelles defeitos, força nos é contentarmo-nos com a certeza relativa, cujo melhor criterio é media geral da consciencia universal, baseada na experiencia e na observação.

A investigação e a demonstração da verdade, objecto da Logica, são pois as bases de todas as sciencias humanas.

A Moral collocada em ultimo lugar, como na classificação comtista, tem identica razão de ser : é uma resultante de todas as sciencias.

\* \* \*

Eis em poucas palavras as justificação do novo quadro. Carecia sem duvida alguma desenvolvimento muitissimo maior sobretudo na parte relativa á Mathematica.

Não cabe, porem, nos limites d'este trabalho.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



## UMA LICÇÃO DE PHILOSOPHIA

### SENSIBILIDADE MORAL

A *sensibilidade moral* é a faculdade que tem a alma de experimentar os prazeres e os desprazeres que resultam das relações sociaes.

Qualquer homem, que vive entre seus semelhantes, sabe, por experiencia propria, que sente em si mesmo, ora inclinação a certas pessoas, ora aversão a outras, e algumas vezes aversão á mesma pessoa, a quem antecedentemente houve inclinação.

Este modo de ser do espirito é o que se chama *sentimento affectivo*, ou simplesmente *affecção*.

As *affecções*, que nos movem a unir-nos a nossos semelhantes, chamam-se *affecções sociaes*. Ao contrario, as *affecções*, que nos inspiram aversão a nossos semelhantes, chamam-se *insociaes*, ou *dissociaes*.

A divisão das *affecções* em *affecções sociaes* e *affecções insociaes*, está geralmente admitida. Muitas vezes, entretanto, se chamam as primeiras *affecções benevolentes* e ás ultimas *affecções malevolentes*.

**Affecções sociaes.** As *affecções sociaes* mudam de nome conforme a pessoa, que é d'ellas objecto e a quem queremos felicitar. Estes nomes são numerosissimos, taes são o amor, o amor conjugal, o amor paterno, o amor materno, o amor filial, o fraterno, o do parentesco, as affeições de mestre, de discipulo, de collega e suas analogas: o patriotismo, a philantropia, e charidade, etc.

Quaesquer que sejam estas affeições, apresentam ellas sempre tres graus: — a *sympathia*, a *benevolencia* e o amor.

A *sympathia* é o primeiro grau, e consiste na inclinação que o espirito experimenta por alguém quando crê que o mesmo sentimento é experimentado a seu respeito pela pessoa que o causou.

A *benevolencia* é o segundo gráu da *affecção social*. e consiste no sentimento de um espirito, disposto não só a livrar a outrem do mal, mas ainda a fazer-lhe bem.

O amor é o terceiro e mais alto grau de *affecção social*, e consiste na tendencia irresistivel do espirito, disposto não só a livrar a outrem do mal, sinão ainda a fazer-lhe bem até com sacrificio.

Assim, o caracter geral das *affecções sociaes* é o de nascerem, crescerem e estenderem-se. Ellas são *agradaveis* por si mesmas, porque aprazem e felicitam a alma que as experimenta. São *agradaveis physicamente* por produzirem no corpo commoções favoraveis á saude, em

quanto não são excessivas. É inexacto que para ter-se boa saúde seja indispensavel haver-se bom estomago e mau coração. Estas affecções teem por *expressão physionomica* um semblante alegre, cheio de graça e de encantos ; teem por «expressão vocal» sons melódiosos. São, enfim, «amaveis e contagiosas».

**Affecções Insociaes** — As affecções insociaes são o contrario das affecções sociaes. Da-se-lhes, como a estas, uma infinidade de nomes differentes. Qualquer, porem, que seja o nome, com que se conheça cada qual d'ellas, notam-se-lhe sempre tres graus, correspondentes aos das affecções sociaes. Estes graus são : a «antipathia, a malevolencia e o odio».

A «antipathia», primeiro grau da affecção insocial, é o sentimento de aversão que experimenta o espirito a outrem, que suppõe animado a seu respeito de igual sentimento. Frequentemente a antipathia é causada por algum mal produzido em nosso damno ou de outrem, com quem sympathisamos.

A «malevolencia», segundo grau da affecção insocial, é a antipathia elevada ao ponto de levar-nos a fazer mal á pessoa, a quem temos aversão.

O «odio», terceiro e mais alto grau de affecção insocial, é o estado do espirito, que deseja de um modo absoluto, continuo, fazer a alguém qualquer mal de que elle proprio seja a causa, e ainda com sacrificio de uma parte de seu bem.

As «affecções insociaes» são desagradaveis em si mesmas, porque attribulam e infelicitam o espirito que as têm. São «desagradaveis physicamente porque constituem no corpo um estado enfermico. Tem por «expressão physionomica um semblante de aspecto tanto mais repulsivo, quanto mais elevado é o grau da affecção. Tem por «expressão vocal» sons entrecortados, estridentes, clamorosos. Enfim as «affecções insociaes» são «repugnantes, afflictivas, ignobeis».

A razão da differença dos caracteres das «affecções sociaes» e das «affecções insociaes» acha-se em nossa propria natureza. Deus organison-nos de modo que fossemos aptos a viver em sociedade, que natural e instinctivamente desenvolvessemos em nós o principio de expansão e de charidade em que descança a sociedade e comprimissemos o principio opposto.

Ao estudo das affecções, igualmente que ao das sensações e dos sentimentos e commoções, cumpre accrescentar-se o de alguns phenomenos psychicos que se chamam . — 1º «prazeres cordeaes ou prazeres moraes ; «penas e desprazeres cordeaes ou penas e desprazeres moraes 2º desejos cordeaes ou desejos moraes. »

«Prazeres cordeaes e penas e desprazeres cordeaes». Toda a affecção social é agradável : dá ao que a experimenta, satisfação, contentamento, felicidade, na proporção do grau de vivacidade a que attingiu. Ao contrario, toda a affecção insocial é desagradável, perturba e molesta de um modo analogo, dando incommodo, descontentamento e infelicidade na proporção tambem de seu grau de vivacidade. O gosto e o desgosto, que acompanham ora umas, ora outras affecções são o que chama «prazer cordeal ou moral e desprazer cordeal ou moral».

De mais, como entre as nossas acções algumas são practicadas no intuito de aproveitarem a outrem, e outras com o proposito de lhe prejudicarem, ao passo que outras acções são practicadas sem intenção alguma que lhe diga respeito, o conhecimento ou a crença de que o acto tem algum dos primeiros caracteres, occasiona-nos certo prazer e o conhecimento ou crença opposta certo desprazer ou certa pena ; no ultimo caso, porém, este conhecimento ou esta crença nos é absolutamente indifferente.

A linguagem vulgar parece contradizer esta theoria ; porque n'ella é commum fallar-se no «prazer da vingança.» Mas esta contradicção é apenas apparente, porque o prazer que então se sente não é o de ter-se feito mal, mas antes o que nos dá a certeza da nossa superioridade. Além d'isso, esse prazer, seja qual fôr o seu motivo, é sempre misturado de amargura ou de pena, a qual, sendo bem estudada, parece-provir evidentemente da consciencia da intenção malevolente, que nos move a obrar. O mesmo succede nos mais casos semelhantes. Estes prazeres e estas penas donominam-se «prazeres ou penas cordeaes.»

No numero d'estes prazeres e d'estes desprazeres ou penas cordeaes, entram os que experimentamos por viver na sociedade, ou na solidão e outros factos analogos.

**Desejos cordeaes** — Toda a pena ou desprazer cordeal occasiona um «desejo» correspondente, que tambem se chama «cordeal.»

Por isso esses desejos são tão varios, como as penas que os causam.

Um dos mais notaveis é o de buscar a companhia de nossos semelhantes, afim de encontrar ahi objectos para nossas affecções, ou de fugir da sociedade para termos a paz e o descanso de que carecemos.

Outros desejos são os que nos movem a buscar novas affecções com o fim de completar as que temos e reputamos por insufficientes. A estes dá-se o nome de «desejos melancolicos ou de melancolia.»

**Affecções derivadas** — As affecções de que temos tractado teem todas por objecto o homem ou o espirito

humano. Cada uma d'ellas é uma relação de homem a a homem de um semelhante a outro. Mas além dos homens, ha na terra animaes, vegetaes, e uma infinidade de entes inanimados ; fóra da terra ha os astros que vemos gyrar na immensidade do espaço ; e acima dos homens o nosso espirito concebe a existencia de outros entes gradualmente postos até o Ente Supremo e infinito que é Deus.

Ora, n'esses animaes cremos haver naturalmente uma alma até certo ponto semelhante á nossa. Por extensão affiguramos tambem havel-a nas arvores, nas flôres, no oceano, nos rios, nos regatos, etc. Assim tambem imaginamos uma alma semelhante á nossa, mas gradualmente mais perfeita, nos entes superiores, acima dos quaes Deus, o Ente necessario, increado, creador de tudo.

Arraigadas estas crenças em nosso espirito, qualquer d'estes entes póde constituir-se e constitue-se-nos effectivamente um objecto de « affecções benevolentes ou malevolentes. » Dão-se differentes nomes a estas affecções, que, sendo bem analysadas ; não parecem differir de quaesquer outras affecções humanas, transferidas a entes para os quaes se transferiu primeiro a humanidade, fazendo-a como que « derivar » ou correr para elles. E' por isso que a estas affecções se dá o nome geral de « affecções derivadas. »

A licção que se acaba de ler, e que pela primeira vez é publicada, foi escripta, ha 30 annos, na cidade do Recife, quando, a pedido de meu collega e amigo o Sr. Dr. Joaquim Barbosa Lima, proprietario do collegio de Nossa Senhora do Bom Conselho, tive de substituir por alguns dias o professor de philosophia.

Julgo conveniente fazer esta declaração para que me não supponham inteiramente extranho ao movimento intellectual da actualidade.

Sei que, nos 30 annos decorridos desde então, tem-se pretendido inculcar que se operou uma radical mudança nas relações da philosophia e da sciencia ; que a sciencia tende a fazer desaparecer e a substituir a philosophia e particularmente a philosophia espiritualista, a qual se entende ser inconciliavel com os intuitos, o methodo e os resultados da sciencia contemporanea.

Ora, eu estou muito longe de ser d'esta opinião, a qual, a meu ver, não tem nenhum fundamento plausivel. Estou intimamente convencido de que nenhum antagonismo existe e nem pode razoavelmente existir entre a philosophia e a sciencia, cada uma das quaes tem a sua esphera de acção bem determinada, sendo, pelo contrario, perfeitamente conciliaveis, auxiliares e complementos uma da outra.

Creio, pois, nos progressos da sciencia, devidos ao aperfeiçoamento dos processos e dos instrumentos de observação. O que eu não creio, o que se não pode de modo algum admitir, é que esses progressos, que as descobertas feitas n'estes ultimos tempos possam conduzir ao «positivismo, ou ao» materialismo». Estou, pelo contrario, convencido de que todas as conquistas da sciencia contemporanea confirmam os principios cardeaes da philosophia espiritualista, como procurarei demonstrar em artigo especial.

O meu fim, aqui, é fazer sentir que, sem ser extranho aos progressos da sciencias, continuo a acreditar na existencia de Deus e da alma ou espirito humano, como acreditava ha 30 annos, e mais convencidamente agora, si é possivel, fundado n'essas mesmas descobertas scientificas, de que se tem querido tirar argumento em favor do «positivismo» e do «materialismo».

DR. CAMPOS DE MEDEIROS.

---

**A obra historica do Reverendo capuchinho  
Francez Ivo de Evreux e Mr. Ferdinand  
Diniz**

*Uma photographia mostrando o retrato d'esse  
virtuoso sacerdote*

*Pequena Memoria, lida na noite de 16 de Julho no Instituto historico e geographico, honrado com a augusta presença de S. Magestade o Imperador.*

---

Quando o nosso sabio e venerando consocio Mr. Ferdinand Diniz, conservador então da Bibliotheca de Santa Genoveva, publicou em 1864, a obra, que traduzi em 1874, intitulada «*Viagem ao Norte do Brazil feita nos annos de 1613 á 1614 pelo Padre Ivo de Evreux, religioso Capuchinho*» em sua notabilissima *Introdução* elle historiou, servindo-me de suas proprias expressões, a sorte caprichosa, que esperava este livro em França.

Depois de impresso foi destruido para não ser entregue á publicidade e á circulação com o fim politico de dissipar qualquer sombra de desgosto, proveniente do casamento de Luiz XIII, ainda menino, com uma Princeza

Hespanhola, dupla aliança projectada em principio de 1612, porém só annunciada officialmente em 25 de Março do mesmo anno, e realisada tres annos depois.

Graças aos cuidados do Almirante Francisco de Razilly companheiro de fadigas d'este Missionario, poudes salvar-se da destruição da obra « algumas folhas, as quaes reunidas mostrarão a lamentavel perda de diversos fragmentos, e com essas lacunas tão importantes foi impossivel formar um exemplar completo. »

Guardadas assim mesmas como valiosa preciosidade, nas estantes da bibliotheca de Santa Genoveva, foram em 1835 descobertas pelo nosso sabio consocio.

Deo noticia d'este facto ao Mundo na *Revista de Pariz* no artigo « *Antigos viajantes francezes.* »

O Brazil com alvoroço saudou o nome do velho viajante, e lhe deo lugar distincto entre os autores pouco conhecidos, mas que devem ser consultados quando se tracta dos tempos primitivos.

Sinto verdadeiro e sincero prazer dizendo que foi S. M. o Imperador, nosso sabio Presidente Honorario, e incansavel Protector, o primeiro, que mandou em Pariz tirar uma copia d'esse precioso manuscripto, demonstrando ainda uma vez o seo desvellado amor pelo estudo da historia patria e o seu apurado gosto pelas raridades bibliographicas.

Foi S. M. o Snr. Dom Pedro 2º o primeiro possuidor d'uma copia da obra do Pº. Ivo d'Evreux.

(Continúa.)

DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES.

## LENDAS DO NORTE

### II

#### A VISÃO DA SERRA AGUDA

A provincia do Ceará é rica de cavernas de curiosa formação e grandeza. Muitas dellas teem merecido o estudo de sabios, assim nacionaes, como estrangeiros, aos quaes devemos memorias e descrições, que nos habilitam a conhece-las, sem as termos visitado.

O povo completa o trabalho da natureza com tradições, que diz estarem ligadas com o descobrimento desses soturnos e medo-

nhos antros. Naturalmente inclinado ao maravilhoso, acredita quem taes tradições se acha o espirito que os habita e os torna desfesos aos profanos, que delles se approximam.

Si, porém, existem espiritos dentro em taes cavernas, são elles inoffensivos, e nada os manifesta.

Não se encontra ahí ser vivo, que se pareça com os satyros e com os faunos ou sylvanos, habitantes das espessuras de Grecia e Roma. Nem dryades, que houvessem subido dos bosques contiguos, nem oreades, que houvessem descido dos montes de que taes cavernas são solitarias dobras e recantos, foram jamais encontradas perto ou longe, e muito menos dentro das galerias subterraneas. Não se depara nem mesmo a *caipóra* — graciosa creação dos indios, segundo entendem alguns escriptores, neste ponto discordes de outros que suppõem ter sido inventada pelos padres jesuitas como meio de tornar temerosas áquelles as florestas, e os attrahir á communhão da vida policiada. Podem por alli desgarrar-se os meninos serranos, sem risco de cahirem no poder da divindade anã, que os empolgava outr'ora, cavalgando um tapyr, ou governando uma vara de caitetés, montada no maior delles e precedida dos vagalumes, seus batedores, no dizer do poeta.

Tudo leva a crer que essas cavernas foram objecto de lendas indigenas, como foram e são ainda outras muitas do novo, e do velho mundo. Os mysterios, como as violetas, germinam e desenvolvem-se bem na sombra. A imaginação, semelhante ás aves, que suspendem seus ninhos na folhagem, ou os mettem em lapas escuras, não busca outros logares para scenario de seus delicados dramas. No fundo, e não na superficie dos rios, collocou a primitiva musa brasileira a *mãi-d'agua*—feiticeira invenção, que alguns tem por origem africana, por não se encontrar no idioma guarany vocabulo, que a possa exprimir. As mais poeticas lendas da antiguidade teem por assento as florestas umbrosas, os troncos de arvores carcomidas, os lagos perdidos nas entranhas da espessura, enfim os logares e regiões inaccessiveis a humano trato.

Nas cavernas, e não nas planicies da Belgica abrigou-se a formosa *lenda dos nutões*, que porei aqui para gratificar os leitores.

Os nutões eram de pequena estatura, como a *caipóra*, e viviam, não errantes pelos matos, como esta, mas recolhidos a solitarias grutas, onde trabalhavam em toda a sorte de metaes, e donde não sahiam sinão de noite. Os habitantes das visinhanças iam depor á entrada das officinas, para que os concertassem, os utensis quebrados, e por paga do serviço, deixavam com esses utensis pães de que os brandos anões eram particularmente amigos. Um dia, porém, os camponezes misturaram a massa com cinza, e os nutões indignados desta maldade, retiraram-se daquellas regiões, onde jamais reappareceram.

As lendas singelas que, seguramente, fizeram no passado queridas ou respeitadas dos habitantes daquelles mundos, as cavernas de que trato, perderam-se quasi todas no curso dos seculos, como se

perdem as folhas, da vegetação marginal sobre a face do rio, que atravessa desertos fragosos.

Hoje essas cavernas estão sendo occupadas, não por espiritos melancolicos, por genios poeticos, ou por serviçaes anões, seus primeiros habitantes, talvez, mas por aves agouzeiras e peçonhentos reptis, amantes da escuridade e do retiro.

Dentro de algumas dellas acham-se ainda ossos, que fazem certo haverem existido ahí familias humanas, como nas habitações lacustres da Suissa, ou terem servido de depositos de seus mortos taes escondrijos.

Algumas tradições, antecipando-se ao exame da sciencia, que tem ido arrancar a esses sarcophagos immensos o segredo das gerações extinctas, já os apontavam como cemiterios dos tapuyas, dominadores do interior da provincia. Entra no numero destes cemiterios uma caverna existente nas proximidades de S. Francisco. Uma grande lage, assenta no chão, e pendida horizontalmente no centro, dá entrada para uma vasta galeria, onde estavam guardados ossos humanos de differentes tamanhos.

Outras semelham palacios encantados, tão grande é a sumptuosidade dos seus salões e corredores, de cujos tectos e paredes pendem graciosas incrustações de stalactites. O mais ousado dos seus visitantes não chegou ao fim das magestosas galerias, atravessadas por correntes crystallinas, que desaparecem, com peregrino fragor, por entre columnas colossaes, dentro de guellas de pedra limosa e lúbrica.

Não obstante, si as lendas que os povos idos referiam a essas moradas ou tumulos, cahiram de todo no esquecimento, tem o povo do sertão por mal assombradas essas habitações seculares e, sem bem explicar os seus pavores, não se anima a penetrar nellas.

Conta-se que, tendo succedido a uns sertanejos, que andavam em demanda de gado por aquellas bandas, escurecer perto da gruta da Serra-aguda, que fica no caminho de Baturité e tem fama de encerrar grandes riquezas em suas camarinhas, resolveram, máo grado seu, pernoitar ahí.

O mais animoso dellas, tendo-se avizinhado de uma das entradas naturaes, vio de fóra sobre uma mesa de pedra um faqueiro de prata. Diz a tradição que não obstante se mostrar logo esse faqueiro a todos os que alli entram, ainda nenhum se animou a pôr-lhe a mão em cima.

Atrahido pela preciosidade, e impellido pela cubiça, o vaqueiro avançou alguns passos para a porta; mas entendeu logo em retroceder, amedrontado por um rumor surdo, que partia de dentro.

Seriam serpentes que silvavam e se debatiam sobre as lages immundas? Seriam onças, que rosnavam, como costumam, quando sentem estranhos á entrada de suas furnas, nos escuros antros da rocha? Era o rumor produzido pelo agitar das azas de milhares de morcegos, que esvoaçavam pelos vastos salões do palacio encantado onde dominam como senhores absolutos?

Ao cabo de algum tempo, estando já fumando em seus cachimbos e deitados em suas rédes pendentes de umas arvores, que lhes tira-

vam a vista da gruta, viram os sertanejos chegar-se delles uma mulher, cujas feições não poderam bem distinguir, aos frouxos clarões do fogo, que haviam feito para espantar as cobras e as onças.

— Boa noite, meus senhores—disse-lhes a mulher.

Nenhum se animou a responder-lhe.

O sertanejo é corajoso e até destemido, mas algum tanto credulo e supersticioso.

Immoveis, gelados de pavor, nem se atreveram a levantar os olhos á visão que de pé, a um lado delles, estava como á espera de uma palavra para dizer quem era e o que queria, ou revelar, talvez, o encanto da caverna.

Passados alguns minutos em profundo silencio, só entrecortado pelos pios das aves nocturnas, e pelos rumores pavorosos do deserto, ouviu-se chorar um menino da banda da serra.

Incontinenti disse a mulher aos sertanejos estas palavras :

— Dêem licença.

E desapareceu por entre umas juremas, em cujas ramas a unha-de-gato havia formado um embastido difficil de ser atravessado por ser humano, ainda que pequeno fosse.

Transidos de terror, saltaram elles no mesmo instante das redes, cujas cordas alguns cortaram por brevidade da fugida em que se puzeram aquella mesma hora, para longe do mal assombrado logar.

Elles tinham rasão para se apavorarem do que viam e ouviam.

Aquellas paragens são inteiramente desertas. Na circumferencia de muitas leguas do sitio encantado não se aponta uma só habitação humana.

Eis a historia da visão da Serra-aguda que, sem côrtes nem acrescentamentos, deixo aqui relatada tal qual ouvi de parentes meus na meninice.

FRANKLIN TAVORA.

---

## O Lagarto

---

(CHLAMYDOSAURUS RINGII)

Os saurios ou lagartos formam uma ordem muito numerosa em generos e especies, ordem que Linné tinha outr'ora dividido em dois generos sómente : os *dragões* e os *lagartos*. Divide-se hoje em seis grandes familias : *Crocodilianos*, *Iguanianos*, *Lacertianos*, *Cameleonianos*, *Geckosianos*, e *Scincóidianos*.

A ordem dos saurios compõe-se de todos os reptis que, por sua conformação, approximam-se dos lagartos. Esses animaes todos têm o corpo alongado, terminando-

se por uma cauda mais ou menos comprida, e munido de membros, cujo numero, com muito poucas excepções, é de quatro.

Todos os saurios têm uma columna vertebral composta de tres ordens de vertebraes, cervicaes, dorsaes e caudaes ; sua bocca é sempre guarneçada de dentes. A pelle dos saurios é geralmente escamosa : rugosa nos cameleonianos, verrugosa nos geckosianos e iguanianos. Adhere intimamente aos musculos subjacentes e a sua côr varia singularmente com a idade, o sexo e a época da vida. Algumas especies, taes como os marmorados e os cameleões possuem a faculdade de mudar á vontade os matizes da sua pelle ; outros, destinados a viver na escuridão (protéos e amphibênos) apresentam essa etiolação, notavel em todos os individuos subtraídos á influencia do sol.

O epiderme é geralmente corneado ; mas as diversas fórmãs deste epiderme são muito variaveis : as vezes as laminas corneadas distribuidas symetricamente umas ao lado das outras formam anneis ou verticillos, ex.— ophisaurios, chalcidos ;— outras vezes constituem pequenos tuberculos distribuidos com symetria perfeita, ex.— tupinambis ;—ou ainda formam escudos, tarjas com arestas salientes sinzeladas e sulcadas de fendas e escavações, ex.— crocodilos, dragonnas ;— podem tambem constituir verdadeira juba de laminas verticaes e delgadas collocadas ao comprido do collo, ex.— iguanos lophyros ;— podem ser ainda arredondadas e dispostas em fórmula de collar em roda do pescoço dos lagartos.

Os saurios offerecem igualmente grande variedade nos seus movimentos. Os iguanos e os anolis, saurios de dedos allongados, distinctos e armados com unhas aduncas, galgam com rara dexteridade nas arvores ; os cameleões, de dedos unidos em dois feixes opposaveis, pulam de galho em galho como macacos e, suspendendo-se pela sua cauda prehensil, imprimem ao seu corpo um movimento oscillatorio do qual se apraveitam para lancar-se na direcção desejada : os geckos, de patas guarneçadas de partes molles e adhesivas pelo vacuo, correm sobre superficies planas e pôdem alli ficar apezar de seu peso, como moscas aos tectos ; os dragões, por subita extensão de todas as suas forças motoras, atiram-se no ar, e se conservam suspensos pelo meio das suas membranas abertas em guarda-queda ; emfim grande

numero de especies vivem perto das aguas, e pódem nellas mover-se com ajuda de suas caudas deprimidas como as dos cetaceos ou comprimidas como as dos peixes.

A alimentação dos saurios é tão variada como as suas fórmas e seus costumes. Os crocodillos, gaviães, tupinambis, perseguem os peixes e os mamíferos, que afogam antes de os devorar ; os monitores, os iguanos, as dragonnas, procuram os ninhos de passaros, devorando os ovos e os pequenos; porém alguns iguanos são unicamente herbívoros ; os lagartos e dragões, caçam os insectos, as lagartas e os vermes e larvas ; os camaleões alcançam no vôo os insectos alados pela projecção rapida da sua lingua viscosa e vermiforme ; os geckos attacam os moluscos, crustacéos e annellidos, introduzindo-os inteiros na sua vasta guela e os esmagando com a força dos músculos de seu osso hyoide.

Os iguaninos são geralmente reptis muito vivos. Existem cerca de cento e cincoenta especies nesta familia dividida em numerosos generos, cujos principaes são o dos iguanos e o dos chlamydosaurios.

Os iguanos comprehendem tres especies, todas de grande dimensão. São herbívoros, pela maior parte. A sua carne, muito delicada, é procurada na America intertropical e meridional. Os iguanos existem principalmente no Brazil, em São Domingos no Mexico e Martinica.

Rio, Julho de 1886.

Rod.

---

## ARTES

---

### *A Gravura e a Lithographia*

---

A gravura data de 1452, e é devida a Maso Finiguerra. No principio era feita em chapas de cobre.

A gravura em relevo praticava-se em buxo. A galvanoplastia substitue hoje por toda a parte as gravuras sobre madeira na tiragem typographica.

Por meio da chapa gravada, obtinha-se a reprodução de um desenho, de modo a multiplicar-lhe os

exemplares : mas dava-se uma lacuna : era necessario que o desenho do artista fosse reproduzido acuradamente e sem recorrer ao buril ou ao acido.

Aloys Senefelder, que nasceu em Praga em 1771, inventou o processo que, com o nome de lithographia, preenche essas condições. Filho de comicos pobres foi actor dramatico mas, sendo mal succedido nessa carreira, tornou-se copista e gravador de musica, e para abreviar o seu trabalho e torna-lo mais productivo, o intelligente copista inventou substituir a pedra pela chapa de cobre, sobre a qual, por uma receita particular, traçava as notas antes do metal encravar-se nellas por meio do acido.

Uma especie de pedra calcarea das proximidades de Munich lhe pareceu propria para este fim, e depois de muitas provas conseguiu o seu intento.

Continuando nas suas experiencias em outra pedra chamada de Solenhofen, muito rija, Senefelder lavrou com um lapis grosso os traços que queria reproduzir. E animado pelo seu bom exito, Senefelder trabalhou sem descanso para adaptar o material typographico á sua descoberta, e em 1799 a industria lithographica chegou quasi ao estado em que a vemos.

Essa arte espalhou-se por toda Allemanha e Inglaterra.

Um amador esclarecido, o conde de Lasteyrie, fundou, em 1814, em Pariz, a primeira lithographia.

Senefelder, mais feliz do que a maior parte dos inventores, tirou fructos de sua descoberta. O rei de Baviera nomeou-o director do Instituto lithographico, e essa posição permittiu-lhe aperfeiçoar o seu trabalho e achar os meios de imprimir em varias côres. Este ramo de arte de lithographica desenvolveu-se nas officinas de Engelmonn, de Mulhouse, sob o nome de *Chromolithographia* ou *Lithochromia*. Senefelder falleceu em 1834.

---

P. F.

## A' IMPRENSA BRASILEIRA

Agradecemos vivamente a todos os nossos collegas da imprensa, das provincias e da Côrte, as provas de sympathia, que nos teem prodigalisado e a benevolencia animadora com que saúdaram o primeiro numero d'*O Tempo*.

Os seus elogios nos fortalecerão poderosamente servindo-nos de incentivo para redobrarmos de esforços, afim de vencer as incessantes difficuldades, inseparaveis de publicações d'esta ordem.

A continuação, porem d'essa benevolencia, d'esse auxilio e mesmo da simples justiça de nossos collegas é—nos necessaria para que *O Tempo* torne-se bem conhecido, divulgado e procurado pelo publico, que, subscrevendo-o, poderá prestar-lhe a indispensavel coadjuvação.

Asseguramos a mais viva e perenne gratidão aos nossos collegas, de quem solicitamos que nos sustentem n'este commettimento patriotico.

*Adirecção.*

---

### NOTICIARIO

---

Do Exm. Sr. Barão de Paranapiacaba recebemos a *Camoneana Brasileira* obra que é um verdadeiro primor e sinceramente sentimos a falta de espaço pois desejamos dar uma noticia circumstanciada acerca d'esse trabalho.

João Cardoso de Menezes e Souza que, ha longos annos, abrilhanta as letras patrias póde hoje ser proclamado o *Principe da Litteratura Brasileira*.

Honra pois a esse distincto escriptor.

---

O Exm. Sr. conselheiro Dr. Campos de Medeiros mostrou-nos um numero da «Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano» no qual

acha-se um extenso relatorio do Dr. José Hygino Duarte Pereira, membro d'aquelle instituto, que foi encarregado de extrahir copias e documentos officiaes existentes nos archivos da Hollanda, relativos á luta dos hollandezes no Brazil,

E' um importantissimo trabalho e desejavamos muito que a distincta sociedade pernambucana nos obsequiasse tambem com um exemplar afim de podermos detidamente lê-lo.

Temos recebido regularmente o *Pharol* e o *Aspirante*, jornaes que se publicam em Juiz de Fóra e felicitamos esses collegas pela excellencia de seus escriptos.

Igualmente recebemos a humoristica *Distracção*, orgão de grande espirito e collaborado por pennas distinctas.

A todas as pessoas a quem enviamos e a quem enviarmos o nosso jornal rogamos a fineza de devolvê-lo caso não o assignem.

---

## CLUB DE LITTERATURA

---

### O TEMPO

A assembléa geral do *Club de Litteratura*, em sessão de 6 do corrente, resolve, com relação á publicação do *Tempo* :

1.º Que seja alterado o formato, passando a ser publicado em 8º francez, tornando-se assim mais manuseavel e mais proprio para ser encadernado em volumes ;

2.º Que a publicação passe a ser mensal, contendo cada numero 32 paginas de impressão, alem da capa. A publicação quinzenal toma muito tempo á commissão de direcção, com prejuizo dos estudos de seus membros. Os Srs. assignantes não ficam prejudicados com esta alteração, pois que em cada numero mensal de 32 paginas terão materia correspondentes a mais de dois numeros quinzenaes de 8 paginas em 4.º

3.º Que seja reimpresso, em o novo formato, o 1º numero, sendo cuidadosamente corrigidos os erros, que escaparam á revisão.

Sala das Sessões, E. Castro, Melling, Sá—

Toda a correspondencia deve ser dirigida a rua 1º de março 23, 1º andar.

---

# ASSIGNATURAS

## CORTE

1 anno.....	8\$000
6 mezes.....	4\$000

## PROVINCIAS

1 anno.....	10\$000
6 mezes.....	5\$000
Avulso.....	1\$000

NOTA.— Rogamos a todas as pessoas a quem enviamos e a quem enviarmos *O Tempo* o favor de devolvel-o caso não o queiram assignar.

---